# Tudo em Você Permanece

*Não se pode amar o presente olhando apenas para o passado*



Laura Bellini

# Tudo em Você Permanece

Não se pode amar o presente olhando apenas para o passado

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904756

ALL-IN Rafał Płonkowski



# ÍNDICE

INTRO ..... 4
Capítulo 1 - O Homem que se Lembrava Demais .....10
Capítulo 2 - As Condições da Proximidade .....21
Capítulo 3 - A Luz que Não se Pode Planejar..... 35
Capítulo 4 - Fora do Enquadramento ..... 46
Capítulo 5 - O Direito de Ter o Próprio Ritmo ..... 60
Capítulo 6 - A Permissão para Dar Mais um Passo ..... 71
Capítulo 7 - A Mulher Além da Lembrança.....81
Capítulo 8 - No Mundo Dele ..... 92
Capítulo 9 - O Preço de uma Decisão em Conjunto .....103
Capítulo 10 - Já Não É Coincidência .....117
Capítulo 11 - Entre a Proximidade e o Cotidiano..... 131
Capítulo 12 - A Imagem que Não Escolhi.....142
Capítulo 13 - Quando os Planos Já Não Cabem .....152
Capítulo 14 - Aquilo que Não Dissemos .....162
Capítulo 15 - Não Sou uma Lembrança Sua .....173
Capítulo 16 - Um Lugar que Não se Pode Ocupar por Outra Pessoa .....186
Capítulo 17 - A Vida Não Pode Ficar em Espera.....197
Capítulo 18 - O Primeiro Gesto sem Promessas ..... 208
Capítulo 19 - Não Começa de Novo, Começa de Outro Jeito .....218
Capítulo 20 - Tudo o que Permanece .....231

# INTRO

O ateliê cheirava a argila úmida, café e poeira, que insistia em se acumular nas prateleiras apesar da limpeza diária. Eu gostava daquele cheiro. Não era agradável de uma maneira óbvia, não lembrava perfume nem bolo recém-assado. Era o cheiro das coisas que passavam pelas mãos de alguém e permaneciam em seu lugar. Naquela manhã, eu precisava especialmente da sensação de que pelo menos uma parte do meu mundo ainda dependia de mim.

Sobre a mesa havia um azulejo com um fragmento de ornamento art nouveau. Um ramo azul-cobalto atravessava o fundo creme, mas, perto da extremidade, faltava uma pequena folha. Reconstituí-la exigia paciência, não talento. O talento costumava ser superestimado. A paciência permitia distinguir a própria ambição daquilo de que o objeto realmente precisava. Eu trabalhava naquela peça havia três dias e pretendia terminá-la antes de sexta-feira. Depois, enviaria a documentação à comissão responsável pela concessão de recursos para a abertura de um pequeno ateliê educativo no imóvel vizinho. Eu não queria passar o resto da vida trabalhando exclusivamente atrás de portas fechadas. Queria ensinar as pessoas a observar as coisas antes de considerá-las destruídas.

O projeto estava pronto. Faltavam apenas as fotografias e o orçamento. Sobre o parapeito da janela havia uma pasta com os documentos, ao lado de amostras de esmaltes cerâmicos e de uma fita métrica que eu carregava no bolso do avental havia uma semana. Meu plano tinha limites bastante razoáveis: nenhum trabalho novo durante dois meses, nenhuma promessa feita no calor do entusiasmo de

outra pessoa e nenhuma tentativa de salvar os prazos alheios às custas dos meus próprios compromissos. Eu tinha quarenta e oito anos e experiência suficiente para saber que a independência não aparece sozinha. É preciso protegê-la nas pequenas decisões do dia a dia.

O celular vibrou na prateleira. Olhei para a tela, esperando encontrar uma mensagem da proprietária do imóvel. Em vez disso, vi o nome de Marta, coordenadora de um projeto sobre o qual havíamos conversado na semana anterior. Instintivamente, deixei o pincel de lado. Naquele momento, ainda não sabia que uma única conversa poderia deslocar tudo o que havia sobre a mesa, mesmo que nenhum objeto saísse do lugar.

— Elwira, você tem um minutinho? — perguntou Marta quando atendi.

— Se for só um minuto, tenho. Se for meio dia, não.

Ela soltou uma risada breve. Conhecia-me o suficiente para não interpretar aquilo como falta de educação.

— É sobre o álbum. A fundação confirmou o financiamento. Eles querem que comecemos os trabalhos no mês que vem.

Afastei a pasta para abrir espaço para a caneca. O álbum contaria a história de pessoas que ainda exerciam ofícios artesanais em pequenas oficinas às margens do Vístula. A ideia era boa, mais do que isso, era necessária. Eu havia concordado inicialmente em conversar sobre o projeto porque Marta prometera que não seria mais uma publicação cheia de fotografias de mãos e legendas nostálgicas sobre tradições que estavam desaparecendo. Ela queria mostrar os artesãos contemporâneos, suas escolhas, seus erros, suas contas, seu cansaço e seu orgulho. Também

concordara porque eu nunca havia aprendido a recusar completamente projetos que pudessem contribuir para alguma mudança positiva. Essa era uma das minhas características menos práticas.

— Muito bem — respondi. — Só quero lembrar que posso dedicar a isso, no máximo, dois dias por semana.

— Eu sei. E é justamente por isso que estou ligando agora, antes que tudo avance. Já temos um fotógrafo.

Meus dedos pararam na borda da pasta.

— Quem?

Do outro lado da linha, houve um breve silêncio. Não era teatral. Parecia mais aquele instante em que alguém tenta decidir se é melhor dizer a verdade imediatamente ou preparar o terreno primeiro.

— Jacek Wilga.

Aquele sobrenome não deveria significar nada além da informação sobre o homem escolhido para o trabalho. Durante anos, eu havia aprendido a separar nomes de lembranças. Às vezes, conseguia fazer isso muito bem. Dessa vez, bastaram duas sílabas para que voltasse a imagem de uma noite de verão, trinta anos antes: uma mesa coberta de canecas, uma janela aberta, a luz projetada na parede e um jovem que olhava para mim como se já soubesse a resposta para uma pergunta que eu ainda nem havia feito.

Não me movi. Do lado de fora, um ciclista passou, e a campainha de sua bicicleta soou de maneira tão comum que chegou a parecer insolente.

— Você o conhece? — perguntou Marta.

— Conhecia.

— Isso pode ser um problema?

Olhei para o azulejo. O ramo azul-cobalto terminava exatamente onde faltava a pequena folha. Não havia nada de dramático naquela ausência. O pedaço que faltava tinha um formato definido, e eu sabia como reconstruí-lo. Com as pessoas era mais difícil, especialmente quando elas se lembravam de alguém de uma época em que essa pessoa ainda não sabia quem queria se tornar.

— Não sei — respondi com sinceridade. — Quais são as condições?

Marta começou a enumerar os detalhes: cronograma, reuniões, sessões nas oficinas, autorizações de publicação e o adiantamento destinado aos participantes. Eu escutava e fazia anotações no verso de uma cópia do orçamento. O dinheiro do álbum não era necessário para abrir meu novo ateliê, mas poderia cobrir parte dos equipamentos. Mais importante, a publicação seria distribuída a bibliotecas e escolas de arte. Eu queria que alguém enxergasse no artesanato não apenas uma lembrança nostálgica, mas também um trabalho que exige conhecimento e decisões todos os dias.

— Há mais uma coisa — acrescentou Marta. — Jacek conhece seu trabalho há muito tempo. Ele disse que faz muita questão de ter você no álbum.

Senti irritação antes mesmo de conseguir dar um nome a ela. Não era porque ele queria incluir meu trabalho no livro. O que me incomodava era o fato de seu desejo ter sido apresentado como um argumento, como se uma relação de tantos anos atrás lhe desse o direito de decidir o que eu precisava agora.

— Meu trabalho pode fazer parte do álbum — respondi. — Mas sou eu quem vai decidir o que contar sobre ele.

— Claro. Ninguém pretende impor nada a você.

— Então será bom começarmos por esse princípio.

Marta garantiu que transmitiria a mensagem a Jacek. Não perguntei se ele já sabia que eu havia concordado. Não queria que aquilo soasse como uma aceitação de um encontro com ele. Eu havia concordado em considerar o projeto, e isso não era a mesma coisa. Marcamos uma reunião de organização para a semana seguinte e encerramos a ligação.

Por alguns instantes, permaneci imóvel, com o celular na mão. Depois, coloquei-o sobre a mesa, com a tela virada para baixo, como se assim pudesse silenciar não apenas o aparelho, mas também a memória. Eu não sentia tristeza. Tristeza seria uma palavra simples demais para algo que havia deixado de ser uma única emoção muito tempo antes. Havia curiosidade, que eu não queria admitir, e cautela misturada à raiva. Havia também uma pergunta: será que o homem que um dia conheceu meu silêncio seria capaz de ouvir minhas palavras hoje?

Voltei ao azulejo. Apliquei uma fina camada de massa no local da falha e alisei a borda com uma pequena espátula. Não tentei reconstruir a folha de memória. Primeiro observei o que havia restado, examinei a direção da rachadura e só então escolhi o formato adequado. Era assim que eu trabalhava: não fingia que o dano nunca havia acontecido, mas também não permitia que ele determinasse o destino de todo o objeto.

Sobre o parapeito estava o projeto do novo ateliê. Puxei-o para mais perto, acrescentei ao orçamento o preço de uma

luminária extra e circulei a data de envio dos documentos. Minha intenção não havia desaparecido só porque um sobrenome antigo surgira nas proximidades. Eu ainda queria abrir as portas do imóvel vizinho, organizar as mesas e mostrar às pessoas que restaurar alguma coisa não precisava significar voltar à sua forma original.

Mesmo assim, quando olhei novamente para o celular, pensei em Jacek não como o fotógrafo escolhido para o álbum, mas como o homem que me veria depois de trinta anos.

Será que ele seria capaz de encontrar a mulher que eu era agora ou viria à procura da imagem que havia guardado na memória?

# Capítulo 1 - O Homem que se Lembrava Demais

Jacek Wilga apareceu no meu ateliê sete minutos antes do horário combinado.

Eu sabia disso porque olhei instintivamente para o relógio quando ouvi o sininho sobre a porta. Não precisei levantar a cabeça para reconhecer a maneira como ele entrou. Antigamente, tinha o hábito de parar na soleira, como se quisesse primeiro verificar se aquele lugar aceitaria sua presença. Agora fez exatamente a mesma coisa. Ficou imóvel por alguns segundos e, em seguida, fechou a porta atrás de si.

— Bom dia, Elwira.

Deixei o pincel sobre o suporte de cerâmica.

— Bom dia, Jacek.

Eu havia me preparado para aquele encontro, mas não imaginara como nossos nomes soariam tão comuns quando pronunciados um pelo outro. Trinta anos antes, nós os dizíamos de outra maneira. Naquela época, uma única palavra era capaz de prolongar uma noite, e uma simples saudação não representava o começo de uma conversa, mas a promessa de que ainda nos veríamos novamente. Agora, havia entre nós uma mesa de trabalho, algumas prateleiras cheias de cerâmica e uma coleção inteira de assuntos que eu não pretendia explicar na primeira oportunidade.

Jacek tirou o casaco. Tinha cinquenta e dois anos, alguns fios grisalhos nas têmporas e um rosto no qual o tempo havia deixado marcas mais evidentes do que no meu. Não

tentava escondê-las. Era magro, movia-se tranquilamente, e suas mãos ainda tinham a aparência das mãos de alguém acostumado a segurar uma câmera. Dedos longos, unhas curtas, uma pequena calosidade no polegar da mão direita. Eu me lembrava delas. Não queria me lembrar, mas me lembrava.

— Nada mudou — disse ele, olhando ao redor do ateliê.

— Isso não é verdade. Mudaram as ferramentas, os equipamentos, a instalação elétrica e metade dos móveis.

— Eu estava falando da luz.

Olhei para a janela alta que dava para uma rua lateral. Através dos vidros entrava a pálida luz do sol de novembro. De fato, a iluminação era semelhante à de tantos anos atrás, mas eu não pretendia ajudá-lo a desenvolver aquele pensamento.

— A luz muda várias vezes ao dia — respondi. — Essa é uma das suas qualidades.

Ele sorriu discretamente. Não pareceu ofendido. Parecia mais alguém que havia recebido a primeira observação e decidido descobrir se a próxima seria igualmente certeira.

— Você ainda não facilita a vida de quem conversa com você.

— Não sabia que tínhamos vindo aqui para competir.

— Não viemos?

— Você veio conversar sobre o álbum. Eu vim trabalhar. Sugiro que ambos nos lembremos do objetivo deste encontro.

Jacek assentiu e colocou sobre a mesa sua bolsa de couro para equipamentos fotográficos. Não a abriu imediatamente. Primeiro, tirou um caderno, algumas páginas

impressas e uma pasta fina com documentos. Sentou-se à minha frente, deixando espaço suficiente entre nós para não invadir minha área de trabalho.

— Marta me enviou suas observações — disse ele. — Dois dias por semana, nenhuma fotografia sem acordo prévio e aprovação integral do texto referente ao seu trabalho.

— São condições básicas, não privilégios especiais.

— Concordo. Gostaria apenas de acrescentar uma coisa.

Apoiei os antebraços sobre a bancada.

— Estou ouvindo.

— Não quero fazer mais um álbum com retratos de pessoas em pé ao lado de suas ferramentas, olhando diretamente para a câmera. Estou interessado no processo. Naquilo que acontece entre o início do trabalho e o objeto finalizado.

— Nesse caso, estamos de acordo. Não gosto de fotografias posadas.

— Eu me lembro.

Aquelas duas palavras ficaram suspensas entre nós com uma intimidade que eu não havia convidado.

— Há muitas coisas das quais podemos nos lembrar — falei. — Nem todas são úteis.

Por um instante, ele me observou com mais atenção. Depois, abriu o caderno.

— Gostaria de ver como você trabalha. Não apenas os objetos prontos. Também aqueles que estão em processo de conservação, com partes faltando, rachaduras e marcas de reparos anteriores.

— Desde que os proprietários autorizem.

— Claro.

— E desde que você não toque em nada sem perguntar.

— Não sou tão descuidado quanto você pensa.

— Não disse que era.

— Mas pensou.

Não respondi. Em vez disso, deslizei na direção dele uma folha com o cronograma provisório do projeto.

— O álbum precisa mostrar o artesanato contemporâneo. Não uma exposição de objetos acompanhados de legendas dizendo que antigamente as pessoas sabiam fazer coisas à mão. Quero que haja espaço para decisões, técnicas, custos de materiais e problemas que nem sempre podem ser resolvidos. Um ateliê não é um museu. E eu também não sou uma peça de exposição.

Jacek olhou para a folha.

— Não pretendo transformar você em uma peça de exposição.

— Ótimo.

— Embora eu admita que você tem um talento especial para colocar seu interlocutor do lado certo da mesa.

— Esta é uma mesa de trabalho. Cada um tem seu lugar aqui.

Ele passou o dedo pelo cronograma, parando no capítulo planejado sobre conservação de cerâmica.

— Gostaria que seu trabalho fosse um dos pontos centrais do álbum.

— Por quê?

— Porque seu trabalho mostra muito bem que o artesanato não se resume a criar coisas novas.

— Isso parece razoável.

— Além disso, você sempre teve paciência com objetos que os outros consideravam perdidos.

Não gostei da facilidade com que ele conseguia misturar uma observação profissional com o conhecimento pessoal que tinha de mim. Por outro lado, era difícil negar que estava certo. Eu trabalhava com cerâmica porque me interessava por aquilo que podia ser preservado sem fingir que nada havia acontecido. Nem toda perda podia ser reparada. Nem todo conserto precisava ser escondido. Às vezes, a solução mais honesta era deixar a marca visível.

— Quero que as fotografias também mostrem os métodos contemporâneos — falei. — Não apenas as técnicas tradicionais que nos ensinaram no começo.

— Podemos fazer isso.

— E não quero legendas do tipo "a antiga maestria nas mãos de uma mestra". Não sou uma personagem de alguma lenda popular.

— Então quem é você?

A pergunta foi feita tranquilamente, mas, por um instante, não consegui encontrar uma resposta que não soasse como uma frase pronta do meu site profissional.

— Sou conservadora de cerâmica. Tenho meu próprio ateliê e pretendo ampliá-lo.

— Sei dos seus planos de expansão.

— Como?

— Marta comentou.

— Então também sabe que isso é importante para mim.

— Sei.

Ele fechou o caderno. Por um breve momento, olhamos um para o outro sem pressa. Tive a impressão de que tentava reconhecer o que ainda restava da mulher que conhecera. Não havia nada de extraordinário nisso. Afinal, eu fazia exatamente a mesma coisa, embora tentasse não admitir nem para mim mesma.

— Trouxe uma coisa — disse ele finalmente.

Abriu a bolsa e tirou uma câmera. Era menor do que eu imaginava, profissional, mas sem uma lente exageradamente grande. Depois, alcançou o bolso lateral e retirou um envelope plano.

— Isto não faz parte do projeto — explicou. — Pensei que talvez você quisesse ver.

Não peguei o envelope.

— O que é?

— Uma fotografia.

— De quê?

— De Kazimierz. Das oficinas em que nos conhecemos.

Por um instante, olhei para o envelope como se ele pudesse conter algo muito mais complicado do que uma fotografia. Eu me lembrava daquele verão, embora algumas partes tivessem desaparecido com o passar dos anos. Fazia calor, o ateliê cheirava a argila queimada, e eu tinha dezoito anos e a convicção de que o mundo podia ser organizado de acordo com o meu próprio projeto. Jacek era então um jovem fotógrafo que havia chegado para documentar as oficinas. Tinha vinte e dois anos e não se separava da câmera nem durante os intervalos.

— Você guardou essas fotografias? — perguntei.

— Algumas.

— Eu não sabia.

— Nunca mostrei a ninguém.

Não respondi imediatamente. Por fim, peguei o envelope e retirei a fotografia.

Na imagem, eu estava sentada diante de um torno de cerâmica. Meu cabelo estava preso de qualquer jeito, as mangas arregaçadas e havia uma mancha de argila na minha bochecha. Eu não olhava para a câmera. Estava concentrada em um recipiente cuja borda acabava de alisar. Lembrava-me daquele dia, embora não me recordasse do instante exato em que a fotografia havia sido tirada.

Eu era jovem, mas não parecia alguém esperando pela avaliação de outra pessoa. Tinha uma atividade própria, um mundo próprio e a expressão de alguém convencido de que tudo era possível, desde que encontrasse a ferramenta certa.

— É uma boa fotografia — falei.

— Sempre achei isso.

Virei a imagem. No verso havia uma data.

— Por que está me mostrando?

— Porque pensei que talvez você quisesse ficar com ela.

— E você?

— Tenho uma digitalização.

— Isso não é uma resposta.

Por um momento, ele pareceu querer dizer alguma coisa, mas acabou dando de ombros.

— Não preciso de duas cópias.

Coloquei a fotografia sobre a mesa, sem devolvê-la ao envelope.

— Obrigada. Vou pensar se quero guardá-la.

Ele não tentou me convencer. Isso, por si só, foi surpreendente. Antigamente, era capaz de argumentar com tanto entusiasmo que uma pessoa começava a duvidar se algum dia havia tido uma opinião própria.

Passamos aos assuntos concretos. Conversamos sobre o número de sessões, a forma de arquivamento do material e o cronograma das entrevistas com os outros participantes. Jacek sugeriu que fizéssemos a primeira sessão no meu ateliê antes do fim do mês. Recusei, explicando que não alteraria os trabalhos já programados apenas porque a fundação estava com vontade de acelerar a publicação. Propus outra data.

Ele aceitou sem discutir.

— Então começaremos documentando seu trabalho atual — disse. — Sem retratos.

— É um começo razoável.

— E depois veremos.

— Não gosto de ambiguidades em contratos.

— Não estou falando do contrato.

Levantei os olhos.

— Então está falando de quê?

— De como será trabalhar com você.

Sua voz era tranquila, mas havia em seu olhar algo que eu não podia confundir com simples interesse profissional. Não era insistente. Parecia mais uma cautela, como se ele

próprio estivesse tentando descobrir se tinha o direito de deixar um pequeno espaço pessoal entre nós.

— Vamos ver — respondi.

Ele reuniu os documentos e guardou tudo na bolsa. Quando se levantou, percebi que a fotografia ainda estava sobre a mesa. Não a levou consigo. Também não perguntou se podia deixá-la ali.

— Foi bom ver você — disse.

— Isto é apenas o começo da nossa colaboração.

— Não estava falando do projeto.

Não quis responder àquela frase. Em vez disso, fui até a porta e a abri para ele.

— Até a próxima semana.

— Até mais, Elwira.

Dessa vez, ele não parou na soleira. Saiu, e eu fechei a porta, permanecendo por alguns instantes a ouvir seus passos se afastarem. Só depois voltei à mesa.

A fotografia estava ao lado das minhas anotações. Peguei-a e observei mais uma vez a garota sentada diante do torno. Ela não me parecia alguém que eu precisasse recuperar. Era simplesmente uma parte de mim, assim como a mulher que hoje administrava um ateliê, pagava contas e planejava os próximos anos.

Coloquei a fotografia no envelope e guardei tudo na gaveta onde mantinha os documentos.

Não pretendia jogar o passado fora. Também não permitiria que outra pessoa escolhesse quais partes dele deveriam contar a minha história.

Naquela noite, enquanto terminava o trabalho no azulejo, Marta telefonou. Queria saber se o primeiro encontro havia corrido bem.

— Profissionalmente — respondi.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que definimos a data e o escopo do trabalho.

— Elwira.

— Marta.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Não vou perguntar.

— Obrigada.

— Mas preciso contar que Jacek ficou satisfeito.

— Com o quê?

— Por você ter aceitado.

Olhei para a gaveta onde havia guardado a fotografia.

— Que bom. Eu estou satisfeita por termos conseguido estabelecer as regras.

Depois da conversa, voltei ao trabalho. Durante a meia hora seguinte, não pensei em Jacek. Pelo menos foi o que continuei repetindo para mim mesma.

Quando apaguei a luz, já sabia que o próximo encontro seria mais difícil. Não porque eu não soubesse conversar com ele. Pelo contrário. Conhecia sua maneira de falar, suas pausas e o sorriso que aparecia nos momentos menos apropriados. Sabia quando estava brincando e quando realmente queria alguma coisa.

O problema era que eu não sabia se ainda conseguia distinguir o homem que conhecera daquele que havia guardado na memória.

# Capítulo 2 - As Condições da Proximidade

Na manhã seguinte, Jacek telefonou.

Eu não esperava uma ligação tão cedo. Estava preparando a bancada para restaurar uma pequena tigela quando a tela do celular se iluminou com o nome dele. Durante alguns segundos, pensei se deveria atender imediatamente ou esperar até terminar de medir os componentes da massa de preenchimento. Escolhi a segunda opção. Não pretendia interromper meu trabalho apenas porque um homem com quem um dia havia dividido a vida estava ligando.

Retornei a ligação quinze minutos depois.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Queria saber se você teria tempo para conversar hoje.

— Ontem conversamos durante quase duas horas.

— Ontem conversamos sobre o álbum.

— E hoje?

— Sobre alguns detalhes que não conseguimos definir. Também podemos analisar os materiais referentes aos participantes do projeto.

— Mas ainda não temos todos os documentos.

— Eu sei. Só queria saber se poderíamos nos encontrar fora do ateliê. Sem o relógio sobre a cabeça e sem suas ferramentas entre nós.

A última frase soou descontraída demais para que eu pudesse fingir que não havia percebido.

— As ferramentas não me incomodam.

— Imaginei.

— Tenho tempo depois das quinze horas. Mas não o dia inteiro.

— Uma hora será suficiente.

— Vamos ver.

Combinamos de nos encontrar em uma pequena cafeteria perto da praça do mercado. Eu a conhecia bem. Às vezes passava por lá depois de fazer compras, embora com mais frequência pedisse café para viagem. Não queria escolher um lugar que sugerisse algo além do que eu estava disposta a oferecer. Por outro lado, também não pretendia fingir que encontrar um antigo companheiro era o mesmo que participar de uma reunião comum de equipe.

Passei o restante da manhã trabalhando sem grandes dificuldades. Só quando fui tirar o avental antes de sair percebi que havia escolhido uma camisa que não usava havia algumas semanas. Era azul-marinho, simples e assentava bem nos ombros. Não havia nada de especial nisso. Eu não pretendia trocar de roupa por causa de Jacek. Simplesmente não queria ir à cafeteria vestindo algo coberto de marcas de argila e produtos de conservação.

Repeti isso para mim mesma enquanto trancava o ateliê.

Jacek já estava esperando. Sentava-se a uma mesa perto da janela, diante de uma xícara de espresso. Vestia um suéter escuro e uma camisa com o botão superior aberto. Não parecia alguém que tivesse se preparado especialmente para o encontro, mas percebi que estava

com a barba mais bem-feita do que no dia anterior. Quando me viu, levantou-se.

— Pontual — comentou.

— Você também.

— Acho que é um bom começo.

— Eu não tiraria conclusões tão cedo.

Ele sorriu e afastou a cadeira para mim. O gesto foi natural, sem formalidade exagerada. Sentei-me, coloquei a bolsa ao meu lado e pedi um chá. Jacek sugeriu que pedíssemos alguma coisa para comer, mas recusei. Não estava com fome.

— Ontem não conseguimos acertar alguns detalhes — começou ele, quando a garçonete se afastou. — Gostaria que tivéssemos uma divisão clara de responsabilidades.

— Muito bem. Eu fico responsável pela parte técnica relacionada à conservação e pelo contato com as pessoas que concordarem em disponibilizar seus objetos. Você cuida da fotografia, da seleção do material e da preparação das propostas de organização.

— De acordo.

— Os textos serão aprovados em conjunto, mas você precisa consultar comigo todas as informações sobre meu trabalho antes da publicação.

— Não tenho problema com isso.

— E não vai me fotografar sem me avisar.

Jacek levantou os olhos do caderno.

— Nem mesmo se você estiver fazendo alguma coisa interessante?

— Principalmente nesses momentos.

— Entendi.

— Não quero descobrir depois que apareci em uma fotografia que nunca vi.

— É justo.

Por alguns instantes, ele fez anotações. Percebi que não tentava negociar nenhuma das condições. Talvez esperasse que eu fosse ainda mais firme. Talvez realmente tivesse aceitado que, depois de trinta anos, eu tinha o direito de estabelecer limites sem precisar justificar cada um deles.

— E quanto à conversa sobre você? — perguntou.

— Em que sentido?

— No álbum. Não podemos descrever seu trabalho apenas por meio da técnica. Também precisamos da sua história.

— Não quero uma autobiografia.

— Não estou propondo uma autobiografia. Gostaria de saber como você chegou até onde está.

— É uma história bastante longa.

— Temos algumas semanas.

— E não pretendo contar tudo.

— Não precisa.

Observei-o atentamente. Ele sustentou meu olhar com tranquilidade. Não havia impaciência em sua expressão. Na verdade, aquela calma de Jacek sempre foi capaz de me desarmar. Não era falta de emoções. Havia muito mais dentro dele do que costumava demonstrar, mas ele não obrigava as outras pessoas a reagirem imediatamente a tudo aquilo. Sabia ouvir quando realmente queria escutar uma

resposta. O problema era que, às vezes, concluía depressa demais que já a conhecia.

— Comecei a trabalhar com cerâmica porque me interessava saber por quanto tempo um objeto conseguia preservar as marcas da pessoa que o havia criado — contei. — Depois descobri que me interessava ainda mais pelo que podia ser feito quando o objeto sofria algum dano. Não se trata de devolver a ele uma aparência perfeita. Trata-se de permitir que continue existindo e garantir que o reparo seja honesto.

— É por isso que você não gosta de esconder os preenchimentos?

— Exatamente. Nem sempre é possível reproduzir o fragmento original. Se inventamos alguma coisa para ocupar o lugar dele, precisamos ser capazes de mostrar isso.

— É uma boa regra.

— Nem sempre é fácil para os clientes.

— Às vezes, as pessoas preferem acreditar que nada aconteceu.

— E você?

Ele olhou para mim por cima da xícara.

— Eu prefiro saber o que aconteceu.

— De verdade?

Não respondeu imediatamente. Colocou a xícara sobre o pires e apoiou as mãos na mesa.

— Nem sempre consegui fazer isso.

Havia algo naquela frase que ia além de uma observação profissional. No entanto, eu não pretendia arrancar dele uma confidência que não havia oferecido.